

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

Carolina Hessel Silveira*

Resumo

As lutas dos surdos pelo direito de se representarem não como deficientes, mas como sujeitos com uma cultura própria, tendo Libras como primeira língua, são recentes no Brasil e têm como resultado, por exemplo, a lei federal 10.436/2002 que reconheceu o uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Sua história é marcada por lutas contra a discriminação e entre diferentes modelos de educação; nela, predominantemente, a surdez é vista em termos clínicos, focalizando-se a perda auditiva, o desenvolvimento da oralidade, a articulação das palavras, etc. Essa luta também se relaciona a formas de nomeação: assim, os surdos querem ser chamados de “surdos”, e não *surdos-mudos*, que os mostra como sujeitos sem comunicação ou *deficientes auditivos*, um termo pejorativo, da área clínica. Também a língua de nome LIBRAS é confundida com “gestos”, “linguagem”, “mímica”. Neste trabalho, focaliza-se a mídia escrita, importante para as representações que os sujeitos fazem sobre os surdos. Foram analisadas 29 matérias e anúncios de jornais e revistas brasileiras variadas, desde 2004 até 2006, com notícias ou informações sobre surdos. Investigaram-se as formas de nomear os surdos – deficiente auditivo, surdo-mudo, surdo -, o tipo de referências à Língua de Sinais – língua de sinais, linguagem, gestos, LIBRAS - e também os assuntos em que os surdos eram mencionados: educação, lutas políticas, conquistas pessoais, aspectos clínicos da surdez, legendagem, religião, esporte, tecnologia, etc. Os resultados das análises mostram que ainda há muita luta para que os surdos sejam reconhecidos em sua cultura específica, como sujeitos integrais e não como “excepcionais”.

Palavras-chave: Surdos. Cultura Surda. Mídia Escrita.

Representation of deaf people in Brazilian newspaper and magazine materials

Abstract

Deaf struggles for the right of self-representation not as disabled/handicapped people, but subjects with a particular culture who have Libras as their mother tongue, are very recent in Brazil. They have conquered the federal law no. 10.436/2002 recognizing the use of the Sign Language (LIBRAS stands for 'Língua Brasileira de Sinais', Brazilian Sign Language). Their history is marked by struggles against discrimination and in different standards of education; where deafness is clinically taken in terms of lacking of hearing, development of verbality, articulation of words, etc. This struggle is also related to naming styles: so deaf

Profa. Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação/Dept. de Educação Especial.

Carolina H. Silveira

people want to be called 'deaf people', rather than *deaf-and-dumb*, which shows them as subjects without communication, and not as *hearing impaired people*, a derogatory clinical word. Besides, the language called LIBRAS is mistaken for 'gestures', 'language', 'mimic'. In this paper, we have focused on print media, which is important for representations people make of deaf people. We have analysed twenty-nine materials and ads from different Brazilian newspapers and magazines from 2006 to 2006 with news or information about deaf people. We have investigated the styles of naming deaf people (*hearing impaired people*, *deaf-and-dumb*, *deaf*), the kind of reference to the Sign Language (sign language, language, gestures, LIBRAS), as well as themes in which deaf people have been mentioned: education, political struggles, individual victory, clinical aspects of deafness, sign writing, religion, sports, technology, etc. The analysis results show there is still much to be struggled before the deaf people are recognized in their particular culture as subjects rather than 'disabled'.

Keywords: Deaf People. Deaf Culture. Print Media.

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras¹

Introdução

As lutas dos surdos pelo direito de se apresentarem como surdos, com uma cultura própria, formando uma comunidade, com uso de Libras, são recentes no Brasil, e têm como resultado, por exemplo, a lei federal 10.436 (24.04.2002) que reconhece "como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS". Sabemos que a história dos surdos é marcada por lutas entre diferentes modelos de educação e por discriminação social.

Existem várias histórias que explicam o surgimento e desenvolvimento do conceito de surdo no mundo. Antes de Cristo, os surdos eram tidos como "deuses" ou seres diabólicos, os quais precisavam ser punidos. Na Antigüidade, os surdos, devido ao fato de não falarem, não eram considerados "humanos", nem cidadãos, mas sim incapazes. Eram até mesmo proibidos de casar. Também os surdos foram ensinados por vários educadores na Europa e constituíram-se métodos de ensino para surdos, como a educação através da Língua de Sinais, o Oralismo, o Bimodalismo. No ano de 1880, foi realizada uma conferência internacional em Milão com o objetivo de discutir o futuro da educação para os surdos. Foi questionado se o ensino deveria se dar em Língua de Sinais ou através do Oralismo. O método oralista venceu por vários motivos, dentre eles, devido à idéia de que sem fala não existe pensamento, conforme a filosofia de Aristóteles, etc.

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

Quase sempre, a surdez é vista apenas em termos clínicos, tendo como preocupação o estudo da perda auditiva, o desenvolvimento da oralidade, a articulação, etc. A comunicação de surdos, através das Línguas de Sinais, sempre aconteceu e, assim, essas línguas nunca se extinguíram, permanecendo como importantes na vida dos surdos. Em tempos recentes, o documento elaborado a partir da união da comunidade surda pela luta por uma melhor educação, no ano de 1999, no V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngüe para Surdos, realizado em Porto Alegre, intitulado “A Educação que nós surdos queremos”, mostrou vários tópicos importantes relativos à educação de surdos, dentre eles: “propor o fim da política de inclusão-integração escolar, pois ela trata o surdo como deficiente e, por outro lado, leva ao fechamento de escolas de surdos e/ou ao abandono do processo educacional pelo aluno surdo”. Vemos, assim, a luta política dos surdos para terem o direito de serem reconhecidos como uma comunidade com sua cultura.

Essa luta também se relaciona com sua forma de nomeação: nós, surdos, queremos ser chamados de “surdos”, e não *surdos-mudos*, que mostraria os surdos como sujeitos sem comunicação. Também não queremos ser chamados de *deficientes auditivos*, porque é um termo pejorativo, da área clínica. Também o nome de nossa língua – LIBRAS – é confundido com “gestos”, “linguagem”, “mímica”. No nosso trabalho, especificamente, vamos partir desses entendimentos para analisar a mídia escrita, que é muito importante para o que as pessoas – ouvintes e surdas - pensam dos surdos.

Um conceito importante para o nosso trabalho vem dos Estudos Culturais. É o conceito de representação. O que é representação nos Estudos Culturais? É a maneira como as pessoas, as coisas, as características e as ações são apresentadas nas diferentes linguagens. Existem representações de mulher, de velho, de pobre, de índio, de homossexual, de nordestino, de professora... e de surdo também. As representações são importantes porque quando são muito repetidas acabam se tornando verdade. Nos Estudos Culturais, não examinamos a verdade das representações, mas comparamos as diferentes representações e os conceitos que elas constroem. Costuma-se dizer que as representações constituem verdades.

As representações podem se expressar em qualquer linguagem: língua verbal, figuras, línguas de sinais, linguagem cinematográfica, fotos, etc. Conforme Woodward (2000, p. 17)

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Vivemos num mundo cheio de representações e nos acostumamos com elas, mesmo quando são injustas e preconceituosas. Grande parte dos grupos humanos que sofreram discriminações na História lutam atualmente pelo direito de revisarem e mudarem as suas representações. Ou seja, analisar as representações é dar importância ao que afirmou Silva (2000, p. 91)

Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação.

Assim, vemos como as identidades, a forma como nos vemos e como os outros nos vêem, o lugar que os sujeitos têm nos grupos, se devem às representações construídas pelos que têm ou tiveram mais poder num momento. Woodward apontou a idéia muito importante de que dentro das representações é que as pessoas se posicionam. Assim, os surdos, por causa de toda uma história das representações construídas pelos ouvintes, também são colocados numa posição: ou coitadinhos, ou vencedores, ou “normais”, etc.

Iniciando a análise

Jornais e revistas são lidos por todo o mundo e muitas vezes são considerados como tendo linguagem correta e apresentando o que é melhor e mais atualizado. Como afirma Thoma (1998, p. 135), quando analisou matérias sobre surdos de jornais dos 20 anos antes de 1998,

O senso comum, inúmeras vezes, percebe o que está na mídia como verdadeiro e incontestável, pois provém de um discurso que “sabe”, que “investiga” aquilo que torna público. Conseqüentemente, este discurso detém o poder de formar opiniões sobre o que se escreve ou apresenta.

Particularmente, faço uma coleta de notícias sobre surdos nas revistas, jornais e outros meios de divulgação já há alguns anos. Com esse acervo, posso observar uma grande diferença do tom das notícias, desde alguns anos atrás até o momento atual, certamente relacionada à grande mudança ocorrida na Educação de Surdos. Entretanto, ainda há muito por fazer, como veremos na análise posterior. Mesmo que os surdos, ao serem entrevistados para TV, jornais, etc., avisem os jornalistas e/ou repórteres sobre a preferência política por algumas denominações, que consideramos corretas, por vezes verifica-se que, no dia seguinte, saem matérias com erros nos termos e mesmo nas informações. Isso

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

mostra como a sociedade em geral está acostumada com o uso de determinadas denominações e os próprios profissionais do jornalismo não dão importância para esta questão, lançando mão, por exemplo, de termos “do passado”, como *deficiente auditivo* ou *surdo-mudo*. Às vezes, recebemos, posteriormente, uma explicação de que o uso do termo inadequado decorreu de engano do jornalista ou porque não teria havido um aviso suficientemente claro, de parte dos surdos.

Foi a partir dessas impressões que tinha, a partir da coleta sistemática que venho fazendo, e do acervo pessoal de tais matérias, e, com inspiração no trabalho de Thoma (1998), levado a efeito há 9 anos, que realizei o presente trabalho, procurando ver, principalmente as possíveis mudanças de uma situação tão importante – a representação dos surdos na mídia escrita.

É por causa dessa importância que, neste estudo, analisamos 29 matérias recolhidas de jornais e revistas brasileiras variadas, de lugares diferentes, que não foram escritas para os surdos, desde 2004 até 2006, em que apareciam notícias ou informações sobre surdos. Essas matérias fazem parte, como dissemos acima, do nosso acervo pessoal. Analisamos vários aspectos nessas matérias para ver as representações de surdos nelas. Analisamos, primeiro, as formas de chamar os surdos – *deficiente auditivo*, *surdo-mudo*, *surdo*, *mudo* – e também as referências à Língua de Sinais – *língua de sinais*, *linguagem*, *gestos*, *LIBRAS*. Também vimos os assuntos das notícias e reportagens em que os surdos apareciam: educação, lutas políticas, conquistas pessoais, aspectos clínicos da surdez, legendagem, religião, esporte, tecnologia, etc. Examinamos também de quem eram as vozes que estavam registradas nas matérias, que eram entrevistadas. Não queremos chegar a conclusões definitivas sobre todos os jornais e revistas, mas olhar tendências e ver que olhares e representações sobre o surdo estão nessas matérias e como o surdo/a é apresentado.

Vamos apresentar os resultados e comentar alguns exemplos de cada aspecto.

Como os surdos são nomeados?

A forma de nomear os surdos mostra como quem escreve sobre eles pensa que eles efetivamente são. Essas formas têm a ver com a posição que eles tiveram na história e com a concepção dominante. A visão clínica da surdez chama os surdos de “deficientes auditivos”. Essa é uma forma de chamar ainda muito encontrada atualmente. Em algumas concepções, pensa-se que é mais “leve”, menos ofensivo chamar o surdo de “deficiente auditivo”.

Esta denominação apareceu em quinze matérias das 29 que examinamos; às vezes, esta denominação fica junto à outra forma de nomear – *Surdo*. Só três matérias mostraram, sozinhas, a denominação *Deficiente Auditivo*. Observe os exemplos.

Instituto de Surdos abre universidade este ano

Faculdade será a primeira do país para pessoas com **deficiência auditiva** e deve realizar vestibular neste semestre

Apesar de ser voltada para pessoas com **deficiência auditiva**, a universidade não será só para esses estudantes. A proposta que foi enviada ao Ministério da Educação (MEC) prevê que haja apenas uma reserva de 50% das vagas e que o restante possa ser preenchido por pessoas com audição normal, mas que tenham noções de libras.

(*O Globo* – Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2004)

Anúncios de emprego para surdos, indicação de missas com interpretes que usam linguagem de sinais e lista de TS (telefones de surdos) são alguns dos serviços oferecidos pelo Diário do Surdo (www.diariodosurdo.com.br) desenvolvido pelos estudantes Aldo Augusto de Souza Lima Neto, 27, o “Tuco”, e Denis Repullo Abreu, 19, ambos **deficientes auditivos**. “Temos o site para jovens surdos mais completo do país”, afirma Lima.

(Caderno Equilíbrio. *Folha de São Paulo*, 15 de abril de 2004)

No primeiro caso, da matéria que aborda o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), como pioneira escola de surdos no Brasil, que lançará uma universidade, o jornalista mistura as denominações como *Surdos*, *Deficientes Auditivos*, *Libras*, *Linguagem de Sinais*. Em quase toda a reportagem, os surdos são chamados de “pessoas com deficiência auditiva”. A palavra “surdos” só aparece no nome da escola, como se fosse impossível mudar este nome, mesmo que o redator preferisse “pessoas com deficiência auditiva”. A escola é antiga, foi fundada em 1857 e o jornalista conta que tinha o nome inicial de Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, depois mudou para o nome atual.

No segundo exemplo, temos o caso mais comum, que é ocorrerem as palavras “surdo” e “deficiente auditivo” como sinônimos, para não haver repetição na matéria. Provavelmente, os jornalistas não percebem o valor diferente e simbólico que têm as duas expressões, que não são simples sinônimos.

A denominação *surdos*, no conjunto das nossas matérias, foi a que mais ocorreu, mostrando o resultado das lutas dos surdos para serem chamados por esse nome. Mas às vezes essa denominação fica junto com a outra denominação *deficiente auditivo*, como falei anteriormente. Apenas onze matérias, das 29 analisadas, apresentam só a denominação, como a reportagem abaixo.

*“Eles gostam muito do teatro, pois o gestual e o visual fazem parte da cultura própria do **surdo**”, afirma Jéferson.*

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

*Os ensaios acontecem todas as quintas-feiras á tarde. “É importante mostrar a diferença entre a comunidade surda e a ouvinte”, destaca Jeferson. “É preciso respeito ás diferenças. O **surdo** não é igual ao ouvinte, ele é diferente, tem uma cultura e uma identidade próprias”, completa.*

(Seção Educação – A Razão – Santa Maria, 03 de junho de 2004)

Também, surpreendentemente, ainda encontramos a palavra *surdo-mudo*, mesmo que de forma rara. Nas 29 matérias analisadas, do ano de 2004 até 2006, a denominação *Surdos-mudos* apareceu 5 vezes e numa única matéria apareceu denominação *Surda-muda*. Vamos ver alguns exemplos.

IRAQUE – UM ANO DE GUERRA

Ibtihal Jassem, 10 anos, perdeu uma perna durante bombardeio em Basra no dia 22 de março de 2003 (no detalhe). A menina, que é surda-muda de nascença, tenta se acostumar com a perna artificial e as muletas (D).

(Zero Hora – Porto Alegre, 22 de março de 2004)

SURDOS-MUDOS LUTAM POR UMA CIDADE SÓ PARA ELES

Enclaves para surdos já existem em algumas cidades americanas, mas essa seria a primeira cidade inteiramente criada para pessoas que se comunicam por sinais. Mas, se para Miller a idéia é extremamente simples, os críticos – principalmente os defensores da tecnologia para solucionar o problema – argumentam que o isolamento excluiria ainda mais os surdos-mudos.

(Zero Hora – Porto Alegre, 22 de março de 2005)

Na primeira matéria, ilustrada, mostra-se que, após um ano de bombardeio de Iraque, uma menina órfã, única sobrevivente da família, perdeu uma perna, e ela é *surda-muda de nascença*. Dizem que ela parecia perdida, incapaz de interagir ou brincar com outras crianças, incapaz de rir das piadas, só passaria o tempo vagando nas ruas ou brincando com sua boneca. Talvez o problema desta criança fosse que precisasse usar Língua de Sinais para comunicar, mas esta notícia não informa se ela usa Língua de Sinais, só acentuou que ela é incapaz, é uma vítima das tragédias da vida – estar numa guerra, ser surda, perder a perna, ser iraquiana.

Na segunda notícia, relata-se que os surdos lutam para ter uma cidade só para surdos nos Estados Unidos. Mas devemos considerar que as duas notícias vieram de agências de notícias estrangeiras e devem ter tido tradução. Talvez por isso as denominações tenham ficado diferentes, usando *Surdos-mudos*, *Linguagem de Sinais*, *Por meio de gestos*, *Têm problemas de audição*, *Por sinais* e *Surdas*. Na tradução, talvez não tenha havido preocupação com a palavra adequada, só com a tradução compreensível.

Mas encontramos um exemplo que não é tradução, de notícia bem recente, em que o título, com letras bem grandes, é “Dia do surdo-mudo” (ver reprodução mais abaixo)! E as primeiras frases confirmam essa escolha (os grifos são nossos):

O surdo-mudo vive em mundo à parte. Essa é uma crença muito disseminada entre as pessoas, que ignoram o quanto pode ser criativo e produtivo um indivíduo **com problemas de surdez e de fala**. [...]

Se possível ajude a pessoa **muda** a encontrar a palavra certa, assim ela não precisará de tanto esforço para passar sua mensagem.

(A Razão – Santa Maria, 14 de fevereiro de 2006)

A Razão de Ler

Dia do surdo-mudo

Dia 23 de fevereiro é comemorado o dia do surdo-mudo. Saiba mais sobre o que é LIBRAS

O surdo-mudo vive em mundo à parte. Essa é uma crença muito disseminada entre as pessoas, que ignoram o quanto pode ser criativo e produtivo um indivíduo com problemas de surdez e de fala. [...] Se possível ajude a pessoa muda a encontrar a palavra certa, assim ela não precisará de tanto esforço para passar sua mensagem.

Os surdos não são indivíduos isolados. Eles vivem em um mundo à parte, mas não necessariamente isolado. Eles têm suas próprias regras, sua própria cultura, sua própria forma de se comunicar. Eles são capazes de tudo o que nós somos capazes de fazer, mas de uma maneira diferente. Eles são capazes de amar, de trabalhar, de estudar, de se divertir. Eles são capazes de tudo o que nós somos capazes de fazer, mas de uma maneira diferente.

Para os surdos, a comunicação é uma grande dificuldade. Eles não podem ouvir, então eles precisam aprender a se comunicar de outra maneira. Eles aprendem a ler e escrever, mas isso não é suficiente para eles. Eles precisam aprender a se comunicar de uma maneira que todos possam entender. Eles aprendem a usar a Libras, a Língua Brasileira de Sinais. A Libras é uma linguagem completa, com suas próprias regras e gramática. Ela é usada por todos os surdos no Brasil, e é reconhecida como uma língua oficial.

Os surdos não são pessoas com deficiência. Eles são pessoas com uma maneira diferente de se comunicar. Eles são capazes de tudo o que nós somos capazes de fazer, mas de uma maneira diferente. Eles são capazes de amar, de trabalhar, de estudar, de se divertir. Eles são capazes de tudo o que nós somos capazes de fazer, mas de uma maneira diferente.

Vencendo barreiras

As barreiras para o surdo-mudo são muitas. Elas são barreiras físicas, barreiras sociais, barreiras culturais. Mas elas não são barreiras insuperáveis. Os surdos são capazes de vencer essas barreiras. Eles são capazes de se comunicar, de trabalhar, de estudar, de se divertir. Eles são capazes de tudo o que nós somos capazes de fazer, mas de uma maneira diferente.

Os surdos não são pessoas com deficiência. Eles são pessoas com uma maneira diferente de se comunicar. Eles são capazes de tudo o que nós somos capazes de fazer, mas de uma maneira diferente. Eles são capazes de amar, de trabalhar, de estudar, de se divertir. Eles são capazes de tudo o que nós somos capazes de fazer, mas de uma maneira diferente.

Datas Comemorativas

Dia 18 - Dia do Repórter
Dia 19 - Dia da Saneamento Nacional Centro e Alameda
Dia 19 - Dia da Esportista

Dia 21 - Dia da Escola do Estudante
Dia 21 - Dia da Criação do Brasil

Dia 23 - Dia do Surdo-Mudo
Dia 23 - Dia Nacional do Rapto (Dia do Rapto)

De forma bem explícita, esta notícia mostrou a comemoração do “dia do surdo-mudo”, como dia 23 de fevereiro, data que não está de acordo com o que pensa a comunidade surda brasileira. Pode ser que esta data seja referente a outro país, mas não foi estabelecida aqui no Brasil. Toda a matéria mostra confusão de denominações: *Surdo-mudo*, *Libras*, *Língua Brasileira de Sinais*, *Surdos*, *Deficiência Auditiva*, *Linguagem de Sinais* e até *mudo*. Como exemplo disso temos a explicação: *Não é correto dizer que alguém é surdo-mudo*, enquanto no título está escrito *Dia do surdo-mudo*, numa flagrante incoerência.

Por fim, existem matérias em que os surdos são protagonistas, mas

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

não são nomeados. Isto apareceu recentemente no episódio sobre a leitura labial do técnico de futebol Parreira, em que, inclusive na TV, os surdos foram chamados para “ler os lábios” do técnico.

Para desvendar os diálogos desta página, Zero Hora contou com a ajuda do instrutor Ricardo Morand Góes, da intérprete Cláudia Martins e dos estudantes do Colégio Especial Concórdia Fabrício Ramos e Mayara Dorneles (p. 6)

(Caderno de Esportes, *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 de junho de 2006)

E a língua?

Como sabemos atualmente, a língua dos surdos é “um sistema lingüístico legítimo e deveria merecer o mesmo status que os outros sistemas lingüísticos” (WRIGLEY apud KARNOPP, 2004, p.104). Mas a Língua Brasileira de Sinais, já reconhecida em lei, às vezes é chamada por várias denominações como *Libras*, *Linguagem de Sinais*, *Linguagem dos Sinais*, *Linguagem de Sinais Brasileira*, *Língua de Sinais específica dos surdos*, *Língua de Sinais Brasileira*, até na mesma matéria. Vamos ver como isso ocorreu no material que analisamos.

A denominação *LIBRAS* apareceu em quinze matérias, mostrando que já há um certo reconhecimento de seu nome oficial. Mas também ocorreram *Língua de Sinais*, em sete matérias, e *Linguagem de sinais*, onze ocorrências.

No exemplo abaixo, em uma mesma notícia aparecem várias maneiras de chamar LIBRAS.

Acadêmicos de Fonoaudiologia da Faculdade Metodista IPA serão os primeiros do Estado a cursar a disciplina de **língua brasileira de sinais (Libras)** com um professor surdo. [...]

Professor ministrará a disciplina **linguagem de sinais** para os alunos de Fonouadiologia. [...]

- Crianças que aprendem a **língua dos sinais** desenvolvem mais o raciocínio – afirma a professora.

(Caderno Vestibular - *Zero Hora*, Porto Alegre, 21 de julho de 2004)

“Gestos” é uma forma inadequada de se referir a Libras, pois normalmente é usada para descrever a movimentação gestual dos ouvintes, acompanhando a língua falada. O uso de “gestos” mostra a confusão entre uma língua estruturada (LIBRAS) e um sistema auxiliar (gestos de quem é falante). Mesmo assim, a denominação *gestos* mostrou quatro ocorrências, e acontece até o verbo *gesticulando*.

- *Estou lutando para ser uma grande profissional. Quero*

*trabalhar com uma visão própria dos surdos, criando ambientes em harmonia. Pais surdos, por exemplo, precisam ver os filhos na casa com facilidade. Cores e luzes especiais também devem entrar no projeto – diz, **gesticulando** para Zero Hora, que obteve a tradução simultânea da irmã.*

(Caderno Vestibular – Zero Hora, 09 de março de 2005)

Nesta mesma matéria, sobre uma surda que se formou em arquitetura, o jornalista usa *Gestos* e *Gesticulando*, e explica que a surda criou *gestos* (para palavras como “vigas”, por exemplo). Na verdade, o que ela criou foram “sinais”; também, em vez de *gesticulando*, por que não foi usado o verbo “sinalizar” - “sinalizando”?

Podemos dizer que todas essas escolhas dos jornalistas pertencem a representações e essas representações estão envolvidas em relações de poder e de força. Conforme Costa (2001, p. 42-43) relembra,

Representar é produzir significados segundo um jogo de correlação de forças no qual grupos mais poderosos – seja pela posição política e geográfica que ocupam, seja pela língua que falam, seja pelas riquezas materiais ou simbólicas que concentram e distribuem, ou por alguma outra prerrogativa – atribuem significado aos mais fracos [...].

Neste caso, fica bem claro que os produtores e redatores das matérias é que detêm mais poder para produzirem representações de surdos. Mesmo se não têm uma intenção “contra os surdos”, mostram um desconhecimento das lutas atuais da comunidade surda, que envolvem, como já dissemos, escolher seus significados e a forma como querem ser nomeados e como querem que sua língua seja reconhecida – como língua, e não como uma forma inferior de comunicação.

Quais são os assuntos preferidos pelas matérias sobre surdos?

Olhando os materiais, vejo que os assuntos mais abordados e que aparecem misturados são os referentes a educação (8 casos) e, também, a lutas políticas (8). Nas matérias que falam de **educação**, aparecem assuntos como universidade, existência de professor surdo, cursos de Libras, etc. Nessas notícias também aparecem questões referentes às lutas políticas dos surdos, como se pode ver nos comentários abaixo.

Numa notícia do caderno Vestibular, da Zero Hora, de 21 de julho de 2004, se explica que haverá a disciplina LIBRAS na instituição de ensino superior IPA, em Porto Alegre/RS, e se mostra o professor surdo que dará aula de LIBRAS. Algumas expressões que aparecem na matéria são *Surdos*, *Libras*, *Língua*

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

Brasileira de Sinais, Por meio de gestos e sons, Linguagem de Sinais e Gesticulando. Observe a expressão: *Por meio de gestos e sons*, que parece estranha no contexto. Que professor surdo se comunica por meio de gestos “e sons”? De onde vêm estes sons de sua comunicação?

Outra vez, no caderno Vestibular da Zero Hora, mas em 9 de março de 2005, uma reportagem mostra uma surda que se formou em Arquitetura na universidade. Mas chamo a atenção para o título da matéria *Arquitetura para superar o silêncio*. Novamente, temos o termo *silêncio*, que aparece para os ouvintes falarem dos surdos. O verbete do dicionário explica sobre “silêncio”: “guardar silêncio; impor silêncio; estado de quem se cala; interrupção de correspondência epistolar; ausência do ruído; sossego, calma; que não faz barulho” (Dicionário Aurélio). O uso do termo no título dá a entender que antes ela era silenciosa, calada, não se comunicava, e agora encerrou o silêncio. Mas... como ela conseguiu entrar na universidade? Como fez o curso? Foi este “silêncio” que a ajudou?

Outra matéria relacionada com a educação aparece no Jornal do Brasil (RJ), de 07 de maio de 2006, que explica sobre loja que vende produtos para educação de surdos como jogos educativos, livros, DVDs, na loja LSB Vídeo.

Outro assunto bastante freqüente é o relacionado às **lutas políticas dos surdos** (8 matérias), que aparece em diferentes jornais. Assim, na Folha de São Paulo de 17 de junho de 2004, uma reportagem mostra a luta pela colocação de legenda nos filmes nacionais, que é uma luta importante para que os surdos brasileiros tenham acesso aos conhecimentos da cultura brasileira, e não fiquem escravos dos filmes estrangeiros que obrigatoriamente têm legendas. Só que essa mesma matéria mostra confusão de denominações, usando *Portadores de deficiência auditiva, Surdos, Libras, Língua de Sinais específica dos surdos*. O termo *Língua de Sinais específica dos surdos* também nos causa estranheza, pois parece sugerir que existe uma língua de sinais usada por não surdos. Na verdade, trata-se simplesmente da língua dos surdos: a Língua de Sinais, não uma Língua de Sinais específica.

Já uma notícia da parte Geral, da Zero Hora, de 23 de setembro de 2004, informa que haveria uma passeata no dia do surdo na Redenção, parque localizado em Porto Alegre/RS; a matéria mostra as duas denominações *Surdos* e *Deficientes Auditivos*, como se fossem diferentes. Ora... se se tratasse de *Deficientes Auditivos*, seria outra data comemorativa, o Dia do *Deficiente Auditivo*. Efetivamente, existem algumas leis estaduais do Brasil que mostram equiparação do dia do *Deficiente Auditivo* e dia do *surdo*.

Outra notícia, da Folha de São Paulo, 01 de dezembro de 2004, também traz informação sobre o protesto dos surdos para se colocar legendas na TV Globo em Rio de Janeiro. Interessante ver que o título fala em *Surdos*, mas o texto fala em *Portadores de deficiência auditiva*.

Carolina H. Silveira

Educação e direitos políticos dos surdos estão ligados a LIBRAS, e sua legalização foi uma das conquistas dos surdos nos últimos anos no Brasil. Sobre **LIBRAS**, encontramos quatro matérias, como uma que apareceu na Revista PUCRS Informação em Revista nº118 – Março/Abril 2004, que relata cursos de extensão de LIBRAS, desde o ano 2000, oferecidos na universidade. Entretanto, chamo a atenção para o título, que é *Língua Brasileira de Sinais auxilia pessoas surdas*. O uso da palavra “auxilia” sugere uma idéia de apoio e de piedade para com os surdos em sua comunicação.

Em outra reportagem da Zero Hora, 09 de março de 2005, focaliza-se a notícia de que LIBRAS seria novo curso superior com habilitação do país, e, nesse caso, as denominações usadas são claras, como *Libras, Língua Brasileira de Sinais, Surdos*. O próprio título mostra: *Libras, uma nova carreira*. (ver ilustração a seguir)



Também em outro jornal gaúcho, no Correio do Povo de 10 de março de 2005, uma matéria explica que, como LIBRAS foi reconhecida pela lei brasileira, deve haver regulamentação desta Lei e se está recolhendo sugestões. Como se esperava, as denominações foram adequadas, como *Libras, Língua Brasileira de Sinais e Surdas*, e o próprio título é bem escolhido: *Projeto sobre Libras recebe sugestão*.

Indo adiante nos assuntos, encontramos quatro matérias relacionadas a **arte**. De maneira geral, a arte focalizada é o teatro. A matéria do jornal Zero

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

Hora, 05 de janeiro de 2004, apresenta o teatro de alunos e ex-alunos surdos na Unidade de Ensino Especial Concórdia – Ulbra em Porto Alegre/RS. Também outro jornal, A Razão, de Santa Maria, 03 de junho de 2004, com o título *Respeitando as singularidades*, traz reportagem bem clara em seu respeito à identidade surda, mostrando o que é surdo, identidade, cultura, diferença. Relata como aconteceu o teatro surdo, e informa que a peça mostrou a história de surdo, desde nascimento, relação à família e a escola.

Na Revista Aprende Brasil – junho/julho de 2005, o título explicita *Arte em silêncio*, mostrando como os surdos são silenciosos. Essa expressão sugere que eles ficam amarrados, imobilizados, enfaixados ou são objetos, como objetos inertes, que são silenciosos, nem mexem nada. Mas surdos se expressam mesmo, têm a sua comunicação, que é Língua de Sinais, tem sentimentos, etc... É recorrente nas representações de surdos pelos ouvintes mostrá-los, em qualquer coisa, como em *silêncio*, mesmo que os surdos gritem de alegria, chorem...etc.... Mais uma vez, a matéria focaliza um teatro dos surdos, chamado Teatro Brasileiro de Surdos (TBS) em Rio de Janeiro/RJ. Várias denominações aparecem na reportagem, como *Surdos, Deficientes Auditivos, Linguagem de Sinais, Língua dos Sinais, Gestos, Libras, Língua Brasileira dos Sinais...* Imaginem as denominações que os Surdos poderiam atribuir ao teatro de ouvintes! Num exercício de imaginação, podemos imaginar: *Ouvintes, Eficientes Auditivos, Linguagem Portuguesa, Língua do Português, Balbucios, Língua Portuguesa, Língua Brasileira* e o título da matéria poderia ser *Arte em Incômodos Gritos*.

No nosso acervo, temos apenas uma notícia relacionada ao tema da **Religião**, que foi publicada na Revista Família Cristã, número 843, de março de 2006. Mostra sobre o curso de Libras e a importância da comunicação dos surdos, mas tem um estranho título: *Para ouvir as pessoas com deficiência auditiva*. Se interpretarmos literalmente o que está escrito, será que os sinais têm som? Se surdos sinalizam e pessoas precisam ouvir os sinais, será que os sinais têm vários tipos de som: grave, agudo, esganiçado, metálico? Quem consegue ouvir os sinais sem ver? É comum a Língua de Sinais necessitar de grande percepção visual para entender. Enfatizo, ainda, que toda a notícia usa a expressão “pessoas com deficiência auditiva” ou “essas pessoas”.

Agora, vamos analisar as duas matérias relativas a **aspectos clínicos e médicos** do nosso acervo, as duas publicadas na Folha de São Paulo (21 de fevereiro e 5 de março de 2006), que é um jornal que frequentemente tem grandes reportagens sobre assuntos como doenças, síndromes, etc. Estas duas reportagens mostraram informações sobre implante coclear, e até dizendo que uma família teria ficado “frustrada” quando, por problemas de repasse de verbas do Ministério da Saúde, se suspendeu a cirurgia de implante coclear ao seu filho surdo de 3 anos. A mãe fica angustiada e disse que vê “o sofrimento de meu filho. Ele só consegue balbuciar ‘mama’ e grita muito”. É totalmente o olhar de ouvinte sobre a criança surda. A outra matéria afirma que a música é ainda pouco usada na reabilitação dos surdos, em especial dos implantados (implante

coclear), e são especialistas (musicoterapeuta, médico, músico profissional) que falam na matéria. Também num quadro dessa página, com o título “Passei por isso”, há o depoimento de uma surda universitária que faz musicoterapia, fez o implante coclear e até afirma que *aprendi que o som da chuva poderia ser reproduzido*. Como mostrou, após o implante coclear, conseguiu uma vitória. Essa matéria é semelhante às matérias sobre vitórias pessoais, que veremos adiante.

Também encontramos uma matéria da área de **Tecnologia**, no suplemento Equilíbrio, da Folha de São Paulo de 15 de abril de 2004. Numa época onde a informática e a Internet cresceram em importância, a matéria mostra dois surdos que explicam sobre um site para surdos. A matéria inclui uma entrevista e as perguntas e as respostas mostraram duas denominações diferentes: assim, na pergunta do responsável do jornal se usa *deficiente auditivo*, na resposta dos surdos aparece *surdos*. Será que surdos sabem que fizeram perguntas com o termo *deficiente auditivo* ou o intérprete traduziu com o sinal *surdo* e não fez sinal *deficiente auditivo*?

Outras quatro matérias analisadas são sobre assuntos mais variados e mais pontuais, como empresas que contratam surdos, presença de atriz surda na televisão e a questão da leitura labial de técnicos de futebol durante a Copa do Mundo de 2006. Essas matérias apareceram em edições da Folha de São Paulo e da Zero Hora, em 2005 e 2006.

Encontramos especificamente quatro matérias que focalizam **conquistas pessoais** de surdos. Sabemos que a sociedade e o senso comum apreciam matérias com narrativas em que os “diferentes” venceram (negros, pobres, velhos, cadeirantes, surdos...). As palavras preferidas são “superar”, “vencer as barreiras”, como se fosse um tipo de milagre, como se os “diferentes” fossem heróis. As quatro matérias que encontramos exemplificam com muita riqueza essa tendência. Vamos analisá-las.

Na Revista Viva Saúde – setembro de 2005, cinco surdos são entrevistados e fotografados para a matéria com o título *Superando limites* e mostram que praticam esportes, afirmando que foram vitórias após perda de audição; agora estariam tendo uma vida “normal”, usando prótese auditiva, treinando a fala, e alguns até afirmam querer fazer futuramente implante coclear. A reportagem mostrou, durante todo o texto, que eles são “deficientes auditivos” e não mostra o relacionamento deles com a comunidade e a cultura surda. (Ver ilustração abaixo).

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras



Em outro jornal, ARAZÃO, de Santa Maria, edição de 14 de fevereiro de 2006, há uma janela abaixo da notícia sobre o dia do surdo-mudo, que mostra uma modelo carioca que é surda. Explicando que ela “nasceu surda-muda”, o jornal traz a afirmação dela afirmando que leva uma vida normal, entende o que as pessoas falam porque faz leitura labial e por isso não tem dificuldades no trabalho. Na matéria, não há nenhuma abordagem da cultura surda, identidade surda, Língua de Sinais, mostrando uma representação da modelo como “normalizada”, de certa maneira.

Já no jornal O IMPARCIAL, de São Luís, edição de 08 de outubro de 2005, a notícia mostra um surdo que dança, que é bailarino, que apresentou dança na novela “América”, da Rede Globo, e foi entrevistado em um quadro do programa. Nesse caso, simplesmente se mostra uma competência específica - sabe dançar – mas ele é tratado como um “surdo” mesmo.

Quem “fala” nas matérias?

Num último olhar, vimos que algumas matérias mostram surdos e ouvintes entrevistados numa mesma matéria, isto é, existem citações de surdos e de ouvintes. Em outras matérias só há citação de ouvintes (as que abordam

Carolina H. Silveira

questões clínicas, por exemplo) e em outras, como algumas que contam vitórias pessoais, também só os “deficientes auditivos” são entrevistados.

Vamos ver alguns exemplos.

Não há qualquer preparação para receber esses estudantes, que, em muitos casos, abandonam o curso por falta de apoio.

(STNY BASÍLIO DOS SANTOS - Diretora-geral do Instituto Nacional Educação de Surdos)

(*O Globo* – Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2004)

Está sendo bem difícil cursar a universidade. Às vezes, os professores falam muito rápido e acabo tendo que pedir ajuda aos colegas.

(DAIANA MARIA RAMOS - Estudante com deficiência auditiva)

(*O Globo* – Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2004)

Os ouvintes que são citados geralmente são especialistas, professores de surdos, diretores, etc. Não são pessoas “comuns”. Num estudo sobre as funções da citação nos textos de jornais e revistas, Benites (2002) afirma que um tipo de citação freqüente é a “citação de autoridade”, em que o “locutor” (o autor da matéria) quer dar maior credibilidade a seu argumento, e “ancora-o na respeitabilidade e na autoridade de um especialista” (p. 96). Este é o caso das citações de especialistas nas matérias que analisamos.

Notei que geralmente os ouvintes normalmente são citados depois dos surdos, como se tivessem que falar a palavra final, explicar a situação dos surdos. Primeiro, vêm as vozes das pessoas que “vivem o problema” e depois a das pessoas que “explicam os problemas”. Exemplo de matéria em que isso ocorre:

- Hoje sou feliz, mas já sofri muito por não conseguir entender o que o professor ensinava – diz Andréa Figueiredo, 31 anos e surda desde o primeiro ano de vida.

(.....)

- Sem uma escola específica para surdos, eles iam para escolas de ouvintes, mas as dificuldades enfrentadas provocaram repetências sucessivas e um alto índice de evasão – explica Patrícia Pinheiro, supervisora de Educação Especial da SME.

(*Zero Hora*, Porto Alegre, 19 de agosto de 2004)

Um material especial

Vamos terminar este artigo, comentando uma edição recente da história da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, inserida na revistinha “Mônica”,

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

nº239, maio de 2006, com o personagem Humberto. Este personagem foi criado no ano de 1981 da Turma da Mônica. Na maioria das histórias, se mostra que ele não fala, parece mudo, sempre fala assim: “hum, hum”. O site oficial de Maurício de Sousa informa que *Humberto, amiguinho da criançada da Turma da Mônica, não fala. Só murmura “hum-hum”... uns acham que ele é mudinho. Outros, que economiza a voz. Mas enquanto isso, vai aprontando alguma confusão. Jamais conseguiu ganhar duas coisas quando perguntado. Só fica com uma.* Não fica claro, pela historinha, qual é a situação real do Humberto. A historinha mostra que outros personagens se comunicam com ele pelo oralismo, sem mostrar que ele lê lábios: parece que ele ouve e não fala.

Na historinha de maio de 2006, ele usa Língua de Sinais para comunicação e as outras crianças da turma procuram aprender para se comunicar com ele, principalmente entender seus sinais. O gibi mostra a valorização de Língua de Sinais, como uma forma de comunicação de surdos; assim, as crianças brasileiras, ao lerem o gibi, já começam a aprender o básico de comunicação com os surdos e se familiarizar com sua cultura.

Também se mostra outro tipo de balão de comunicação entre personagens e o Humberto. É uma criação interessante, ao lado de tantos outros balões das convenções de Histórias em Quadrinhos, como os balões de fala, de pensamento, de sonho, que já existem normalmente.



Conclusão

Os resultados de nossas análises mostram que ainda há muita luta para os surdos fazerem para serem reconhecidos em sua cultura, como humanos e não como “excepcionais” e para terem representações que eles mesmos achem adequadas. E isso é muito importante na mídia escrita, que forma opiniões. É verdade que já vimos uma mudança no maior uso do termo “surdo”, e não “deficiente auditivo”, e, também, o realce a questões das lutas dos direitos dos surdos. Mas, por outro lado, ainda continuam os discursos de piedade com o

Carolina H. Silveira

surdo (como se vê pelo uso de verbos como “auxiliar”, “ajudar”), de que o surdo é “menor” (tem que “superar desafios”) ou da visão clínica da surdez (cura, implante coclear, etc.).

A questão da língua de sinais é especialmente importante, porque ela é considerada como o principal traço constituidor da cultura surda. Na história, freqüentemente a língua de grupos menos importantes foi chamada com outros nomes – “dialeto”, “linguajar”, “gíria”, etc. De certa maneira, parece que isso se repete com a comunidade surda e, em vez de *língua*, outras representações aparecem: *gestos*, *mímica*, *gesticulação*, etc.

Enfim: de onde vem a importância deste estudo? Pensamos que, quando analisamos matérias, notícias, reportagens, da mídia escrita, que foram lidas por muitas pessoas, devemos nos lembrar que, conforme Wortmann afirma (2007, p.79):

(...) as linguagens são centrais para o significado e para a cultura, por serem os repositórios-chave de valores e de códigos que dão sustentação aos diálogos, permitindo a construção de entendimentos partilhados, que possibilitam aos sujeitos interpretarem o mundo de maneira mais ou menos parecida (...).

Então, o uso de determinada linguagem, com determinados assuntos e algumas representações trazidas nas matérias, também constrói entendimentos partilhados de como são os surdos, para os leitores.

Referências

BENITES, S.A.L. **Contando e fazendo a história**: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: ____ (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais na educação dos surdos. In: THOMA, A.; LOPES, M. (Orgs.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

THOMA, A. Surdos: esse “outro” de que fala a mídia. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WORTMANN, M. L. Análises culturais: um modo de lidar com histórias que

Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras

interessam à educação. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

Jornais e revistas analisadas (edições):

Zero Hora, Porto Alegre, 05 de janeiro de 2004
O Globo, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2004
Zero Hora, Porto Alegre, 22 de março de 2004
Tendências – PUCRS, Informação em Revista, Porto Alegre, nº 118 – Março/Abril 2004
Equilíbrio – Folha de São Paulo, 15 de abril de 2004
A Razão, Santa Maria, 03 de junho de 2004
Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de junho de 2004
Zero Hora, Porto Alegre, 21 de julho de 2004
Zero Hora, Porto Alegre, 19 de agosto de 2004
Zero Hora, Porto Alegre, 23 de setembro de 2004
Folha de São Paulo, São Paulo, 01 de dezembro de 2004
Zero Hora, Porto Alegre, 09 de março de 2005
Correio do Povo, Porto Alegre, 10 de março de 2005
Zero Hora, Porto Alegre, 22 de março de 2005
Folha de São Paulo, São Paulo, 21 de abril de 2005
Revista Aprende Brasil, junho/julho de 2005
A prefeitura Leopoldina, Rio de Janeiro, ano 3, número 28, agosto 2005
Revista Viva Saúde, setembro de 2005
O Imparcial, São Luís, 08 de outubro de 2005
Correio do Povo, Porto Alegre, 09 de outubro de 2005
A Razão, Santa Maria, 14 de fevereiro de 2006
Folha de São Paulo, São Paulo, 21 de fevereiro de 2006
Revista Família Cristã, ano 72, número 843, março de 2006
Folha de São Paulo, São Paulo, 05 de março de 2006
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 07 de maio de 2006
Revista Adverso – ADUFRGS, Porto Alegre, maio de 2006
Gibi “Mônica”, nº239, maio de 2006
Folha de São Paulo, São Paulo, 11 de junho de 2006
Zero Hora, Porto Alegre, 28 de junho de 2006

¹ Este artigo constitui uma versão modificada de trabalho apresentado

Carolina H. Silveira

Sites consultados

<http://www.monica.com.br/index.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Turma_da_M%C3%B4nica

Correspondência

Carolina Hessel Siveira - Rua Araújo Viana, 1554, Apt. 302 - Centro 97016-040 - Santa Maria, RS.

E-mail: shcarol@terra.com.br

Recebido em 02 de outubro de 2007

Aprovado em 16 de novembro de 2007